



A arte como parte essencial para compreensão do mundo no ensino dos alunos da EJA SESC

Art as an Essential Part for Understanding the World in the Teaching of the Students of the EJA SESC Santa Rita

WANEISSA MENEZES DE MOURA

Resumo

Neste projeto, buscou-se seguir a linha de pensamento de Paulo Freire "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", ou seja, conhecer o mundo pelos signos, pelo que passa diante dos olhos. Ver, ouvir o que querem dizer. Uma incessante busca das emoções, das inconstâncias, da efemeridade, tudo através da arte, que alimenta a alma, transporta sensações por todos os cantos. É na arte que se pode transformar o mundo, o indivíduo e é através desse olhar que se pretende levar o aluno a perceber com um olhar crítico e reflexivo os grafites e letras espalhadas pela cidade. Para Johny Cavalcanti, "o grafite representa um estilo de vida que, no nosso caso, transcende o ato de pintar e se tornou uma vivência cotidiana. Assim, a arte se faz presente o tempo todo para quem, muitas vezes, não tem acesso a ela. Portanto, conhecer o mundo observando o que está ao redor (letras/grafites), uma leitura de mundo singular.

Palavras-chave: arte, grafite, letras, leitura e mundo.

Abstract

In this project, we sought to follow the line of thought of Paulo Freire "the reading of the world precedes the reading of the word", that is, to know the world through the signs, through what passes before our eyes. See, hear what they mean. An incessant search of emotions, of inconstancy, of ephemerality, all through art, which feeds the soul, transports sensations through all the songs. It is in art that one can transform the world, the individual and it is through this look that one intends to lead the student to perceive with a critical and reflective look the graffiti and letters scattered throughout the city. According to Johny Cavalcanti, "graffiti represents a way of life that, in our case, transcends the act of painting and has become an everyday experience. Thus art is present all the time for those who often do not have. Therefore, to know the world by observing what is around (letters / graffiti), a singular world reading.

Keywords: art, graffiti, letters, reading and world.

Introdução

A arte, em todas as suas modalidades, é capaz de demonstrar a necessidade de expressão do homem e a sua relação com o mundo. É nela que encontramos a expressão dos sonhos, das fantasias, dos desejos e das possíveis transformações da realidade. O seu contato propicia ao homem um novo ponto de vista sobre a vida. Uma vez instigado pelo desejo de transformação pessoal e coletiva este homem se percebe e percebe o outro no mundo.

Neste sentido, o bem estar e a qualidade de vida do ser humano, estão relacionados com o criar e o refletir, ampliando o conhecimento de si e dos outros, aumentando a auto-estima, estimulando um olhar criativo e crítico, aprendendo a organizar melhor os sentimentos e desenvolvendo mais recursos cognitivos e emocionais.

Seguindo esse raciocínio, buscou um trabalho diferenciado com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) - fundamental, já que o grupo apresenta uma diversidade cultural bem

limitada, ainda presa a cultura de massa tão arraigada na sociedade. Então, fazer com que esses alunos compreendam a arte como processo construtivo na vida e para educação, tornou-se essencial no processo de ensino aprendizagem.

Salienta-se que o proposto ficou articulado entre as disciplinas de arte e língua portuguesa e visa estimular a capacidade de se expressar crítica e artisticamente diante da imersão na fruição artística, onde os estudantes deverão ter contato direcionado com a arte, mais, especificamente, a arte urbana com frases de grafite espalhados pela cidade e depois experimentar criar suas próprias obras de arte com subsídio de uma oficina de artes plásticas utilizando o papelão e a poesia.

Dar voz aos discentes elucidando o que perpassa na sociedade e criando ideais que promovam atitudes e ações construtivas tanto na educação quanto para a vida. Colocá-los como sujeitos e não meros espectadores da vida, um diálogo aberto entre o escritor, leitor e o mundo. As reflexões são partes essenciais para garantir uma compreensão mais profunda do que move o mundo, o ser humano, a vida.

Seguindo essa inquietação, procura-se como objetivo desenvolver a sensação de bem-estar a partir da fruição artística, instigando o pensamento crítico, tornando-o criativo e reflexivo diante da arte que o cerca. Além de especificar através da exploração de talentos, até então despercebidos, decorrente da correria do cotidiano; Interpretar os elementos que estão ao nosso redor a partir das inferências; Produzir arte e estabelecer as conexões com a sensação de bem-estar do indivíduo; Fazer com que o aluno seja capaz de se autoconhecer, buscando, explorando e criando ações que favoreçam seu desenvolvimento.

Ou seja, trazer a arte não como ferramenta, mas como parte crucial para compreender a complexidade da vida, como resistência ao caos, como remédio para a cura da insensibilidade, para o desamor e a intolerância.

Referencial Teórico

O contato com arte, seja pela fruição estética, ou pelo fazer artístico, gera por si só uma transformação no indivíduo, já que este reflete e pode perceber melhor sua cultura e a cultura do outro e a partir da percepção e do olhar criativo para o caos urbano os sujeitos têm oportunidade de se colocar e intervir como protagonistas dessa transformação. Ao lerem as imagens de grafites e pichações na cidade e compreender o contexto em que essas frases foram feitas, os estudantes experimentaram suas frases e formas. Neste caso o sentido da leitura é ampliado para ler formas, cores e sentidos.

“Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens”. (BARBOSA, 1998, p. 17).

Para compreender melhor o papel do ensino das artes na escola se fará uma breve análise sobre o percurso e regularização das artes no ambiente escolar, pois observa-se que esta prática é bastante recente no Brasil. No começo do século XX a arte na escola era restrita ao desenho, trabalhos manuais, cantos Orfeônicos e música e tinha a função de ensinar o ofício, ou seja, era ligada diretamente ao mercado de trabalho, influenciada pela era da industrialização e da educação técnica.

A partir de 1940 e com grande influência do movimento escolanovista e a estética modernista (desde 1920) o ensino artístico passa a ser visto com a função de desenvolver o sujeito e não mais capacitar para o mercado de trabalho, ascendendo espaço para outras artes como música, teatro, dança. Se antes o ensino era baseado na repetição de modelos do professor, agora ela estará pautada na criação do aluno. Eclode neste período o movimento das Escolinhas de arte, que tinham como principal pilar o realce pela livre expressão e a

valorização do espontaneísmo. No Brasil, o artista plástico Augusto Rodrigues foi quem iniciou a divulgação da metodologia através da Escolinha de Arte.

Neste período o Brasil passava por grandes transformações sociais e políticas e no campo da educação planejava a expansão da escolarização. A arte é vista de outra forma, agora ela era tida como a experiência que leva ao aprendizado.

A partir da década de 60, vários arte/educadores e pensadores, principalmente os americanos, como o filósofo John Dewey, contribuíram para mais uma mudança para o ensino da arte. Eles questionavam a ideia do espontaneísmo e lançaram base para novas contribuições da arte para o desenvolvimento humano. A ideia era compreender e precisar o fazer artístico como conteúdo do currículo escolar, ou seja, a arte como forma de conhecimento.

Final de 60 e início na década de 70 observam-se movimentos de aproximação entre manifestações artísticas que aconteciam fora da escola e as que eram experimentadas dentro do contexto escolar. Esta época é marcada pela disseminação de festivais de música e teatro e que foram grandes geradores de mobilização estudantil. Ainda na década de setenta a arte é incluída no currículo pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1971 com o título de Educação Artística, porém não é considerada como disciplina obrigatória e sim atividade educativa.

Somente na década de 80, com o surgimento do movimento de Arte/Educação, que possibilitou, através de eventos promovidos por universidades, associações de arte/educadores, entre outros, inúmeras discussões acerca dos conhecimentos, competências e finalidades da área, que tinha por objetivo rever e propor novos caminhos. Eis que em 1988 começam os diálogos com a legislação, sobre uma nova mudança no ensino das artes:

Em 1988, com a promulgação da Constituição, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996.

(...) Com a Lei n. 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e Arte é considerada obrigatória na educação básica: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (art. 26, § 2o). (LDB, 1996, p 25).

É a partir desta década que a arte ganha força e respaldo e nomes importantes como Ana Mae Barbosa, recebendo notoriedade para a práxis pedagógica. Neste momento tem início o processo da Abordagem triangular, que só veio a ser sistematizada de fato em 1987/1993 no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

A abordagem triangular está pautada em três pilares que são a leitura da obra, a leitura do contexto da obra e o fazer artístico. Para Barbosa, a "arte é cognição, uma cognição para a qual colaboram os afetos e os sentidos" (2008, p. 22), pelo que o ensino da arte nas escolas deve incentivar a criatividade, facilitar o processo de aprendizagem e preparar melhor os alunos para enfrentarem o mundo. E como é o nosso mundo? Neste sentido a arte como um todo, aqui, especificamente, trabalhando o grafite e a linguagem nos muros.

A linguagem usa meios até então despercebidos pelas pessoas, mas que inovam com as grandes possibilidades de leituras que se faz do mundo. Nos muros, encontram-se reflexões diárias de uma sociedade tão excludente e ao mesmo tempo tão humanitária, ou seja, os conflitos humanos são expostos largamente nas ruas para que a população pare e reveja seus valores e suas ações. De acordo com Orlandi:

"A parede recém pintada nas ruas torna-se para estes pichadores uma página em branco, onde podem se inscrever simbolicamente, na busca do vínculo social." (2004, 47)

Observa-se no grafite um gênero social que está além das folhas em branco, que se liberta das amarras através das palavras escritas nos muros e que dizem muito mais que querem dizer. É um olhar sobre o social (exclusão, liberdade, contra o racismo, a homofobia, a gritante desigualdade social), é o novo explorando lugares, tendo como suporte a cidade com seus

muros, suas pontes e suas palavras. Em (MENEZES, 2008, 33) encontra-se um depoimento de Raquel, atuante no grafitti:

"O graffiti é um espaço de berro, de grito e afirmação. É um espaço de fala...Nossa regras são construídas por poucos. Não incluem a maioria e suas demandas nas suas diversidades. Tem sempre uma tensão colocada. E quem fica de fora, excluído dessa ordem, está berrando. Tem várias formas de dar o berro, e uma delas é o graffiti."

Portanto, a cidade torna-se o suporte mais importante para transmitir essa fala, transpor as emoções e questionar a forma de como vive-se, é espalhar pelas ruas atitudes e reflexões de uma sociedade deturpada.

É no grafite que se consegue romper essa barreira, é a arte se aproximando das pessoas, tornando cruciais as palavras que estão em cada muro. São os lamentos contemporâneos embelezando e ganhando força nas ruas. É arte usada transformada em uma segunda pele da cidade, transfigurada em poesia, ou seja,

"A literatura de rua com sentido, sim, com um princípio sim, e com um ideal, sim, trazer melhoras para o povo que constrói esse país, mas não recebe sua parte" (FERRÉZ, 2005,37).

Então, o grafite passa a ser visto como um meio de combate as produções culturais legitimadas e também um modo de defesa, utilizando para isso a linguagem como arma. Isso é um reflexo da resistência da arte em vários campos, o que simboliza uma luta diária. É uma ação antiga, mas que continua promovendo muitas discussões. Vale ressaltar que na literatura, já na década de 70, a chamada literatura marginal, promoveu uma leitura reflexiva e crítica do mundo, devido também ao endurecimento do Regime Militar após o AI-5. Foi a partir dessa pressão que a produção poética ou "clandestina" cresceu rapidamente.

É importante frisar que a literatura marginal refere-se ao estilo de divulgação e publicação, pois como a censura estava muito mais ferrenha, os escritores tiveram que utilizar outros meios de divulgação, neste caso, o mimeógrafo. Eram feitas pequenas tiragens e vendidas em bares, teatros, lugares onde as pessoas pudessem se aproximar dessa produção.

Atualmente, o processo de divulgação ainda é insuficiente, o que faz com que vários escritores corram para produções independentes, que tornem seu trabalho mais valorizado do ponto de vista econômico. Além disso, o muro surge como um novo suporte para essas falas, para que esses escritores se tornem visíveis dentro de uma sociedade alienada e conturbada por toda situação atual do país.

Metodologia

Foi articulado com os alunos conteúdos que explorassem a imagem e a construção que se faz de uma cidade e, nessa observação, uma reflexão das frases que trazem constantes críticas referentes ao processo de vida em nossa sociedade. Literalmente, a leitura do mundo pode transformar. As palavras são jogadas em muros, relutantes de uma vida vazia, cheia de conflitos e (DES)amor. São sinônimos de esperança, de poesia, de mais amor, respeito e tolerância.

É com esse olhar que as aulas de português e arte foram ministradas, uma releitura da arte e da poesia cotidiana fomentando um olhar para o mundo, para as pessoas, para a vida.

Nas aulas de português, foi discutido acerca das palavras grafitadas nas ruas e como elas podem causar um efeito de reflexão e construção social. As palavras, para Mário Quintana, são verdadeiramente mágicas, pois são elas que tecidas uma a outra constroem sentidos para o mundo. Seja ela boa ou ruim, a palavra sempre estará presente e se fará presente em qualquer sociedade. Ao observá-las nas ruas, o aluno passa a se importar mais com o que o próximo fala, escuta a dor, o medo, a aflição, as manifestações, o amor, ou seja, cria um diálogo com o outro, mesmo sem saber quem foi que escreveu. O interessante é despertar nos alunos a leitura de mundo de forma mais próxima a sua realidade, construindo saberes e curiosidades.

Em decorrência dos conteúdos, foi realizada uma oficina - Papelão e Poesia, do coletivo Eu passarinho – com o objetivo de aliar o potencial criativo, imagético e criador das Artes Visuais,

da Poesia, com a aplicabilidade dos conhecimentos técnicos artísticos acerca da tridimensionalidade e do fazer escultórico.

Nesse processo os alunos constroem noções sobre desenho livre, ilustração artesanal, colagem, pintura, escolha e adequação de materiais para cada projeto, escolha do papelão, especificidades do papelão para trabalhos escultóricos e pintura. Ou seja, busca-se a essência do sensível, do afeto e da criatividade presente na memória da infância e como referência para todo e qualquer tipo de trabalho.

Toda atividade é comprometida no estímulo para que continuem a produzir, mesmo após o término das atividades, e outro fator muito forte que é o contexto social através das escolhas de materiais baratos e de fácil acesso, neste caso, o papelão que é hoje nossa grande ferramenta de trabalho, a sua versatilidade inspira e estimula a imaginação e a inventividade das pessoas a partir de mil possibilidades.

A oficina durou dois dias e abordou como olhar a poesia em pequenas coisas, em como podemos manifestar as emoções a partir de objetos recicláveis. Primeiramente, houve o contato com os mediadores, falando um pouco sobre o coletivo e seu objetivo e como funcionaria a oficina. Logo em seguida, foi contada uma história africana "passaruga" na tentativa de dar ideias para a construção dos modelos, além de livros com outros contos que poderiam ajudá-los. Já no segundo dia, os alunos colocaram "a mão na massa" e começaram a produzir suas imagens, transformando-as em obras de forma prática e com objetos simples.

E junto com as aulas de arte, foi produzidos cartões com as frases grafitadas nas ruas, construindo sentidos para uma qualidade de vida melhor tanto para os alunos quanto para as pessoas que frequentam o ambiente da instituição. Ratificando, são frases que os tornam mais críticos e reflexivos diante da realidade brasileira.

Abaixo, estão imagens da Oficina elaborada pelo Coletivo Eu passarinho utilizando materiais de baixo custo, mas mantendo a preocupação com estética, criatividade e preservação do meio ambiente e as frases que foram encontradas pelas ruas da cidade.



Foto 1 – Oficina de Papelão e Poesia com os alunos do ensino fundamental



Foto 2 – Oficina de Papelão e Poesia com os alunos do ensino fundamental



Foto 3 – Oficina de Papelão e Poesia com os alunos do ensino fundamental



Foto 4 – Oficina de Papelão e Poesia com os alunos do ensino fundamental



Foto 5 – Trabalho com o grafite (letras) transpondo para os cartões

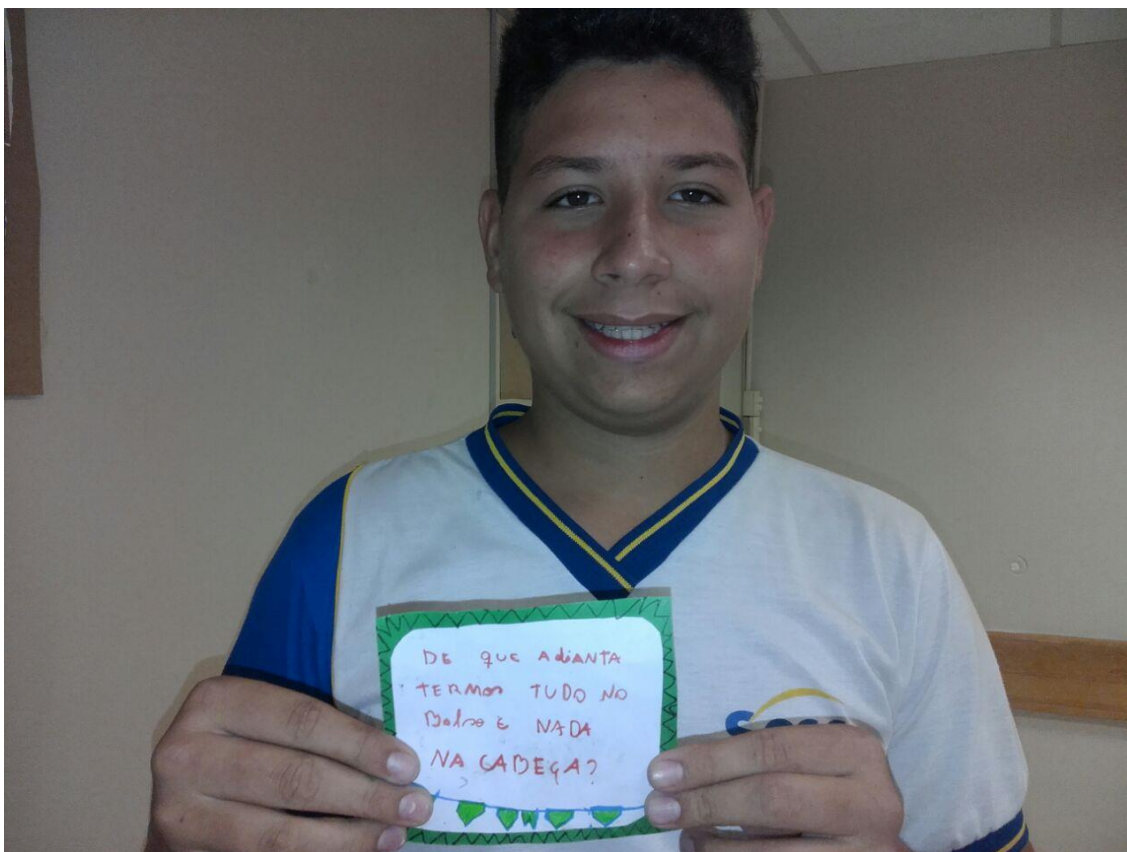


Foto 6 – Trabalho com o grafite (letras) transpondo para os cartões



Foto 7 – Trabalho com o grafite (letras) transpondo para os cartões

Resultados

O projeto buscou ultrapassar os limites e as barreiras que ainda permeiam no ensino da arte e literatura, numa fonte inesgotável de possibilidades. Dentro do que foi desenvolvido, observa-se que houve uma grande motivação e entusiasmo por parte dos alunos que acolheram de forma significativa o que foi proposto – olhar o mundo com o olhar de outro, ouvir as vozes que sussurram nos muros e sentir as emoções que lá estão presentes. Compreender o incompreendido e refletir diante das informações que nos rodeiam.

A construção foi única, no ponto de vista, do acréscimo nas habilidades que foram criadas. Ou seja, artistas que não dialogavam com a arte e despertaram a essência do estético, do belo, da criação e recriação.

É preciso que a arte/ literatura sejam um processo contínuo na vida dessas discentes e que os mesmos interpretem como uma parte fundamental para a compreensão da humanidade.

Considerações Finais

Acredita-se que esta prática estimulou os alunos a repensarem os valores, as atitudes, a caridade, o "compartilhamento" real com o próximo, tornando-se mais sensíveis e respeitosos. Além disso, há um caráter pedagógico que procurou orientá-los na leitura de mundo, na arte visual, na própria grafiteagem, e no senso crítico e reflexivo diante desses novos olhares. Todos os contextos foram apresentados de forma teórica, prática e interdisciplinar, o que facilitou no desenvolvimento criativo e da aprendizagem dos discentes.

Partimos de um único e principal sentido "Não é possível conhecer um país sem conhecer e compreender sua arte" (Ana Mae Barbosa - entrevista concedida para a Agência USP de Notícias e publicada em 20 de novembro de 2007)

Referências

- BARBOSA, Ana. *Arte - Educação: conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limond, 1984.
- _____. *Isto é arte? Uma reflexão sobre a arte contemporânea e o papel do arte - educador*. Educação, arte e inclusão. Rio de Janeiro, 2003.
- _____. *Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.
- Barbosa, A. *Arte/Educação contemporânea - Consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2008.
- _____. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BRASIL. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998.
- FERRÉZ. *Literatura marginal: talentos da escrita periférica* / Ferréz (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- LDB – *Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394*. 1996. Disponível em: Acesso em março de 2017.
- MENEZES, Kátia. *Por trás dos muros - Horizontes sociais do grafitti* / Graziela Bedoian e Kátia Menezes (Org.). São Paulo: Peirópolis, 2008.
- ORLANDI, Eni P. *Metáforas da letra: Escrita, Grafismo*. In: *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.